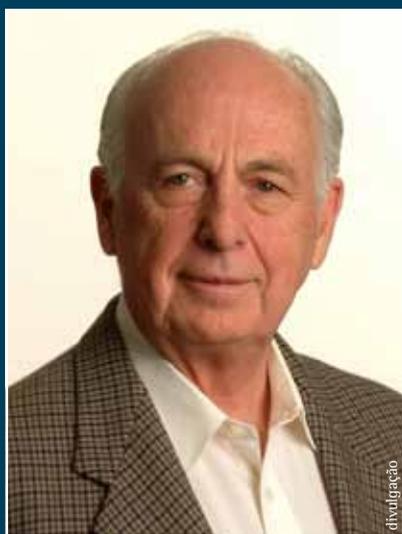


2010: crescimento tímido

Para o Brasil, a pior fase da crise econômica mundial já passou. Quem afirma é o economista, professor emérito da Fundação Getúlio Vargas e ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. "As nossas empresas não haviam se endividado demais e o mercado financeiro estava regulado. Por isso, a situação do Brasil é bem melhor que a dos países mais desenvolvidos", afirma. Segundo Bresser, as medidas adotadas pelo governo para estimular o consumo, como a redução do IPI, foram acertadas e ajudaram o Brasil a

SUELI ZOLA



Bresser Pereira

reaquecer as atividades produtivas. Mas as taxas de juros altas e a política cambial impediram o País de ocupar o espaço no mercado internacional, surgido em decorrência da desaceleração da economia dos países desenvolvidos. Apesar de perder esta boa oportunidade, a perspectiva para 2010 é alentadora. "Vamos crescer entre 2% e 3% — nada maravilhoso", comenta. Além da crise global, o professor avalia nesta entrevista exclusiva os 15 anos do Real, aponta avanços sociais e não poupa críticas às ideias neoliberais. Leia a seguir.

No mês de outubro, a crise econômica global completou um ano. Podemos afirmar que o pior já passou?

Para o Brasil, sem dúvida, o pior já passou. A crise nos países em desenvolvimento foi bem mais fraca do que nos países ricos, onde ela se originou. Nesses países o desemprego ainda deverá continuar aumentando, enquanto no Brasil não. Já começamos a sair da crise. Nossa situação é bem melhor que a dos nossos concorrentes mais desenvolvidos.

Por que os países ricos foram mais atingidos?

O problema fundamental se refere à desregulamentação financeira nos países ricos, especialmente nos Estados Unidos, que foi muito maior do que aqui. E isto é algo paradoxal, porque os Estados Unidos, por meio do Fundo Monetário Internacional e

do Banco Mundial, ficaram o tempo todo dizendo que o Brasil deveria fazer reformas institucionais a fim de melhorar o seu sistema legal para coordenar a economia. A crise mostrou, afinal, que eles estavam muito mais desregulados do que nós.

Como se deu esse processo de desregulamentação financeira?

Após a crise mundial de 1929, ocorreu um grande processo de regulamentação da economia com base no pensamento de Keynes, cuja teoria diz que cabe ao Estado regular os mercados, especialmente os mercados financeiros. Este modelo permitiu que durante os trinta anos seguintes à Segunda Guerra Mundial houvesse estabilidade financeira, crescimento econômico e diminuição na desigualdade. Estes foram os chamados trinta anos gloriosos do capitalismo. O surgimento de uma crise nos anos

1970 — com queda das taxas de crescimento e aumento da inflação — fez com que as ideias keynesianas fossem abandonadas pelas elites que se associaram para desenvolver o neoliberalismo. A ideologia neoliberal, que se tornou dominante nas universidades americanas e europeias, defendia a tese de que os mercados financeiros eram sempre eficientes e autorregulados; portanto, o Estado deveria se retirar de tudo. Isto implicou na desregulamentação de todo o sistema, o que provocou o desastre do ano passado. E no fim, quando veio a crise, os neoliberais correram buscar ajuda no Estado.

Apesar de ter sido menos atingido, o Brasil sofreu o impacto da crise. Quais são as decorrências desse impacto?

Nos últimos três anos, o Brasil apresentou taxas de crescimento

mais elevadas, se comparadas às baixas taxas de crescimento dos últimos vinte anos. A crise aguda interrompeu a expansão. Os empresários pararam de investir, os consumidores paralisaram o consumo, atemorizados. E isso provocou um desaquecimento na economia e a queda do PIB. Então, houve um impacto, sim. Mas é preciso ressaltar que o crescimento dos últimos três anos tinha um calcanhar de Aquiles, um ponto fraco: a taxa de câmbio estava se apreciando (isto é, a moeda local valorizada) extraordinariamente. E é absolutamente impossível para um país crescer com taxa de câmbio apreciada. Cedo ou tarde vamos ter problemas.

Mas o dólar subiu um pouco em decorrência da crise, não foi?

Sim. A crise teve esse efeito positivo: corrigiu a taxa de câmbio que tinha chegado a R\$ 1,50 e foi para R\$ 2,30. Infelizmente, porém, no segundo semestre de 2009, a taxa de câmbio voltou a cair. Perdemos parte de nossa vantagem. Apesar disso, o País está saindo da crise, porque as nossas empresas não tinham se endividado muito e o nosso mercado financeiro não havia sido desregulado. Como continuaram regulados, os bancos não fizeram loucuras e não quebraram; enquanto, nos países ricos, as empresas e as famílias se endividaram enormemente, e isso provocou uma crise maior lá.

Qual é sua avaliação a respeito das medidas tomadas pelo governo brasileiro para conter o desaquecimento da economia?

Foram boas medidas, especialmente a diminuição do IPI (Imposto sobre Produto Industrializado), que realmente ajudou a estimular a economia. O governo brasileiro agiu de forma prudente.

E quanto à política monetária adotada durante a crise, como o senhor a vê?

A decisão de reduzir o compulsório dos bancos foi muito positiva, porque aumentou a liquidez fortemente. Quanto à taxa de juros, no início da crise, ao invés de reduzir, eles aumentaram. Depois, mais tarde, reduziram muito pouco, ou seja, o Banco Central continuou sendo um problema grave para o desenvolvimento brasileiro. Ele mantém uma taxa de juros real altíssima, uma das mais altas do mundo. E esse é um dos fatores, não o único, a tornar a taxa de câmbio apreciada. Essa política monetária é a causa fundamental das baixas taxas de crescimento do Brasil.

Em 2010 o Brasil vai crescer um pouco mais, mas nada de maravilhoso

A desaceleração da economia de um país tão rico como os Estados Unidos cria oportunidades para países em desenvolvimento como o Brasil?

Isto aconteceu nos anos 1930. A grande crise dos anos 30 criou oportunidades para o Brasil se industrializar, especialmente porque a taxa de câmbio se desvalorizou enormemente. Getúlio Vargas, que era então o presidente, manteve essa taxa de câmbio desvalorizada mesmo quando o cenário melhorou um pouco. Ele também adotou uma política fiscal conservadora muito séria e o resultado foi um significativo desenvolvimento para o Brasil. Mais tarde, a Segunda Guerra Mundial continuou nos ajudando, porque os outros países estavam em crise e nós ocupamos esse espaço. Agora, na crise atual, não vejo o País aproveitando

a oportunidade, porque, como já disse, a taxa de câmbio brasileira voltou a cair no segundo semestre.

Se a taxa de câmbio apreciada impede o crescimento, por que o país a mantém assim?

As elites neoliberais brasileiras conseguiram convencer a classe média, a opinião pública, enfim, o povo brasileiro, que uma taxa de crescimento de 3% a 4% ao ano é ótima. O fato de que a China cresça 10% e a Índia cresça 9% é esquecido. Por que não conseguimos ir além de uma taxa de crescimento pequena? Porque a política cambial beneficia os países ricos que, com essa taxa de câmbio, conseguem obter saldos comerciais ou déficits comerciais menores com o Brasil. Então, é uma situação ideal para os países ricos. Nós ficamos em desvantagem.

O governo brasileiro está realizando investimentos públicos em habitação e saneamento por meio do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Como o senhor avalia essa iniciativa?

O governo está tentando, por meio do PAC, aumentar o investimento público, que era alto nos anos 1970, mas caiu brutalmente. A queda se deveu às privatizações e à predominância da ideia neoliberal (segundo a qual, o Estado não deve fazer investimentos). O governo atual está tentando aumentar, mas não é fácil fazê-lo porque os gastos do Estado na área social também subiram muito. De qualquer forma, considero muito bom o governo fazer um esforço nessa direção.

No mês de julho, o Real completou 15 anos. Que avaliação o senhor faz da economia nesta última década e meia?

A avaliação a respeito do desempenho nesse período é negativa porque, como já disse, as elites neoliberais con-

venceram os brasileiros que um crescimento de 3% a 4%, com estabilidade monetária, sem inflação, está ótimo.

Mas o Real não trouxe avanços?

Foi um avanço, não há dúvidas. Entre 1980 e 1994, a inflação altíssima prejudicava toda a sociedade, criava uma situação de insegurança muito grande. Então, é evidente que tínhamos que acabar com aquela inflação. E acabamos de forma competente, com o Plano Real. Mas, em seguida, exatamente porque acabamos com a inflação, o País poderia crescer à taxa de 7%, como os outros países em desenvolvimento fizeram.

E havia condições para crescer a taxas elevadas?

Claro que havia, bastava não ter adotado a política monetária, as taxas de juros e a taxa de câmbio que adotamos. E não deveríamos também ter aberto o nosso mercado interno para o investimento externo da forma absurda que nós fizemos. Em síntese: se tivéssemos adotado uma política monetária mais correta e uma política de investimentos diretos que fosse realmente interessante para nós, então, estaríamos em outro estágio de desenvolvimento econômico.

E se o País crescesse a 7%, teria melhor distribuição de renda?

Distribuição de renda merece outra análise. Do ponto de vista econômico, o desempenho do Brasil (de crescimento da renda) foi medíocre, quando comparado com países como a China e a Índia. Mas, se examinarmos do ponto de vista social, da distribuição de renda, foi um período bom. Houve alguma redistribuição de renda, graças principalmente ao enorme aumento do gasto social, que resultou do compromisso assumido na transição democrática. Os empresários, trabalhadores e classe média concordavam que o Brasil era

um país extremamente desigual em termos de distribuição de renda (o que continua sendo) e que era preciso fazer alguma coisa.

Todos nós enfrentaremos impostos mais altos e taxa de crescimento mais baixa nos próximos anos

E o que se propôs fazer?

Não se propôs sequer (o que é uma pena) aumentar os impostos progressivamente sobre os mais ricos, a proposta foi simplesmente aumentar a carga tributária e elevar o gasto social. Isto foi feito: o gasto social do estado brasileiro que devia ser uns 11% do PIB em 1985 hoje é 23%, 24% do PIB; mais que dobrou. Investiu-se muito na educação e, com algum êxito, conseguimos diminuir bastante o analfabetismo. Gastou-se muito em saúde com grande êxito. Considero o SUS – Sistema Único de Saúde um grande sucesso da democracia brasileira. Um país que tem uma renda per capita de 8 a 9 mil dólares por ano conseguir ter um sistema universal de saúde, como o Brasil tem, é uma conquista extraordinária. Outros países não têm; e isso foi conseguido graças a um grande esforço de mobilização da sociedade brasileira, principalmente dos médicos sanitários e das mães de família. Esse princípio colocado na Constituição de 1988 foi cumprido.

Se o país tivesse crescido mais nesses últimos 15 anos, tais avanços sociais seriam ainda maiores?

Muitíssimo maior, porque o que nós fizemos foi certa redistribuição do excedente econômico que estava aumentando. Mas se esse excedente tivesse aumentado muito mais, seria

muito melhor. Se o Brasil tivesse conquistado uma taxa de crescimento duas vezes maior desde o Plano Real até agora, iríamos ter quase o dobro da renda per capita atual.

Quais são as perspectivas econômicas para o próximo ano?

Em 2010, o Brasil vai crescer um pouco mais, mas nada de maravilhosos. Será um ano eleitoral, um momento marcante para o País. O debate das eleições será o melhor acontecimento. É importante que os brasileiros ouçam bem o que os candidatos terão a lhes dizer, especialmente quais são os seus compromissos (compromissos realizáveis, é claro). Há uma ideia aqui no Brasil de que a política é ruim, que são todos demagogos, porque os candidatos fazem muitas promessas. Mas o político deve fazer promessas, se comprometer. E cabe aos eleitores cobrarem o compromisso assumido.

Não há risco de um novo recrudescimento da crise global?

Existe sempre o risco de ocorrer lá fora o que estão chamando de uma crise na forma de "W". Quer dizer, a economia cai, sobe, e depois cai outra vez. Isto aconteceu na depressão dos anos 30.

E pode acontecer novamente?

Pode, mas acho pouco provável porque a reação dos governos foi competente. Tanto a reação da política monetária quanto a reação da política fiscal dos Estados Unidos, dos países europeus, do Japão, da China foram muito boas. O Brasil também agiu bem. Não acredito que tenhamos uma depressão. Mas não tenha dúvida, todos nós enfrentaremos – especialmente os países mais ricos como Estados Unidos e a Europa – impostos mais altos e taxa de crescimento mais baixa nos próximos anos.